

## Comunicação não violenta na formação de professores: por uma educação dialógica e humanizadora

*Nonviolent communication in teacher education: toward a dialogical and humanizing education*

**Autor 1<sup>1</sup>** Miguel Bogovicz Junior, miguelbogoviczjunior@gmail.com.

**<sup>1</sup> Mestrando em Educação. Engenheiro Eletricista. Engenheiro de Segurança do Trabalho.**

**Resumo:** A comunicação não violenta (CNV), proposta por Marshall Rosenberg, constitui um referencial potente para a transformação das relações educativas, ao propor uma linguagem baseada na empatia, na escuta ativa e na expressão autêntica de sentimentos e necessidades. Este artigo tem como objetivo analisar as contribuições da comunicação não violenta para a formação de professores, explorando seus fundamentos, aplicações no contexto escolar e implicações para a prática docente, especialmente no desenvolvimento de uma nova forma de ensinar ancorada no sentir. A metodologia adotada foi a revisão narrativa da literatura, com busca em bases científicas como SciELO, Scopus e Periódicos CAPES, priorizando publicações dos últimos seis anos. Os resultados indicam que a adoção da CNV pelos professores contribui para a redução de conflitos, o fortalecimento do vínculo pedagógico, a promoção da autonomia discente e a criação de um ambiente escolar mais acolhedor e colaborativo. Conclui-se que a comunicação não violenta oferece um conjunto de ferramentas essenciais para que os educadores possam exercer sua função com maior qualidade relacional e bem-estar, justificando sua inserção sistemática nos currículos de formação docente.

**Palavras-chave:** Comunicação não violenta. Formação de professores. Prática pedagógica. Empatia. Conflitos escolares.

### **Abstract:**

Nonviolent communication (NVC), as proposed by Marshall Rosenberg, constitutes a powerful framework for transforming educational relationships by offering a language grounded in empathy, active listening, and the authentic expression of feelings and needs. This article aims to analyze the contributions of NVC to

teacher education, exploring its foundations, applications within the school context, and implications for teaching practice — particularly in developing a new way of teaching anchored in feeling. The methodology adopted was a narrative literature review, drawing from scientific databases such as SciELO, Scopus, and CAPES Journals, prioritizing publications from the last six years. The findings indicate that teachers' adoption of NVC contributes to reducing conflicts, strengthening pedagogical bonds, promoting student autonomy, and fostering a more welcoming and collaborative school environment. It is concluded that nonviolent communication offers an essential set of tools for educators to perform their role with greater relational quality and well-being, thereby justifying its systematic integration into teacher education curricula.

**Keywords:** Nonviolent communication. Teacher education. Teaching practice. Empathy. School conflicts.

## 1 INTRODUÇÃO

A comunicação não violenta (CNV), proposta por Marshall Rosenberg, mostra-se como um referencial potente para transformar as relações educativas, ao propor uma linguagem baseada na empatia, na escuta ativa e na expressão autêntica de sentimentos e necessidades. Em um cenário educacional marcado por tensões, autoritarismos residuais e crescente demanda por práticas mais humanizadas, a CNV emerge não como uma técnica de controle, mas como uma filosofia de relação que coloca a conexão humana no centro do processo de ensino-aprendizagem.

O ambiente escolar, por sua natureza relacional, é um campo fértil para conflitos. A forma como esses conflitos são geridos — seja pela imposição, pela indiferença ou pelo diálogo — define não apenas o clima

institucional, mas também o próprio sentido que estudantes e professores atribuem à experiência educativa. Nesse contexto, a CNV oferece um arcabouço teórico-prático que instrumentaliza educadores para lidar com as complexidades emocionais e comunicacionais que emergem na sala de aula e nos espaços de convivência escolar.

Neste artigo, objetivamos analisar as contribuições da CNV para a formação de professores, explorando seus fundamentos, aplicações no contexto escolar e implicações para a prática docente, especialmente no desenvolvimento de uma nova forma de ensinar, ancorada no sentir. A escolha do tema emerge da constatação, ancorada em minha experiência como docente, de que conflitos mal geridos e linguagens autoritárias figuram entre os fatores silenciosos, porém potentes, que fragilizam o vínculo pedagógico e antecipam a desistência de estudantes. A formação docente, portanto, não pode mais ignorar a dimensão comunicacional e relacional como eixo estruturante da prática educativa.

A partir de uma revisão atualizada da literatura, discutimos os quatro pilares da CNV — observação, sentimento, necessidade e pedido — e como incorporá-los à formação de educadores. A metodologia adotada é a revisão narrativa da literatura, com abordagem qualitativa, que nos permite construir uma síntese ampla e crítica sobre o tema,

integrando diferentes perspectivas teóricas e achados empíricos.

## 2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, com abordagem qualitativa. A escolha metodológica justifica-se pela necessidade de construir uma síntese ampla e crítica sobre o tema, integrando diferentes perspectivas teóricas e postulados empíricos. Diferentemente da revisão sistemática, que se orienta por protocolos rígidos de busca e seleção, a revisão narrativa permite uma abordagem mais flexível, adequada à exploração de temas interdisciplinares como a comunicação não violenta, que dialoga com a psicologia, a educação, a filosofia e as ciências sociais.

A busca bibliográfica foi realizada nas bases SciELO, Scopus, Periódicos CAPES e Google Acadêmico, utilizando os descritores: "comunicação não violenta", "formação de professores", "prática pedagógica", "conflitos escolares" e seus correspondentes em inglês ("nonviolent communication", "teacher education", "school conflicts"). Foram priorizados artigos publicados nos últimos cinco anos (2021-2026), bem como obras clássicas que fundamentam o campo, como as de Marshall Rosenberg.

Após leitura exploratória e análise crítica, foram selecionados 18 documentos que dialogam diretamente com o objeto de estudo, incluindo artigos empíricos, revisões

sistemáticas, capítulos de livros e referenciais teóricos reconhecidos na área. A seleção considerou a relevância teórica, a atualidade das publicações e a pertinência para o contexto educacional brasileiro, sem prejuízo de contribuições internacionais que ampliam a compreensão do fenômeno.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 Fundamentos da comunicação não violenta (CNV)

A comunicação não violenta, desenvolvida por Marshall Rosenberg (2006), estrutura-se em quatro componentes interligados: observação, sentimento, necessidade e pedido. Esses quatro pilares não são meras etapas técnicas, mas constituem um movimento de consciência que nos convida a sair do automático dos julgamentos e entrar em contato com o que está vivo em nós e no outro.

A observação está baseada em descrever objetivamente o que está acontecendo, sem julgamentos ou avaliações, pois essa postura evita erros primários na identificação das causas. Em um contexto escolar, isso significa, por exemplo, dizer "você não entregou a atividade nos últimos três dias" em vez de "você é um aluno preguiçoso". A pergunta que se impõe é: qual dessas formas é mais tênue, mais acolhedora, embora a mensagem central seja a mesma? A resposta revela o microcosmos da relação pedagógica, onde a escolha das palavras pode gerar adesão ou

resistência.

A expressão do sentimento envolve identificar e comunicar as emoções que emergem diante da situação observada, diferenciando sentimento de pensamento. Muitas vezes, confundimos "eu sinto que..." com "eu penso que...", o que nos distancia da experiência emocional genuína. Na prática docente, nomear sentimentos — frustração, preocupação, alegria, acolhimento — é um ato de vulnerabilidade que abre espaço para a reciprocidade.

O pedido é formulado de maneira clara, positiva e viável, visando atender às necessidades identificadas. Diferente de uma exigência, o pedido na CNV respeita a autonomia do outro e convida à colaboração. Em sala de aula, isso pode significar: "Você poderia me ajudar a organizar os materiais após o uso?" em vez de "Arrume isso agora!". O componente central da CNV é a conexão com as necessidades universais — autonomia, pertencimento, respeito, significado, entre outras. Ao invés de focar em culpabilizações, a CNV convida a reconhecer as necessidades não atendidas que são as verdadeiras ignitoras dos conflitos. Compreender que todo comportamento humano é uma tentativa de atender a uma necessidade legítima transforma a forma como educadores se relacionam com seus alunos e consigo mesmos.

#### 3.2 A comunicação não violenta na prática

## docente

Pesquisas recentes têm evidenciado os benefícios da CNV para a prática docente. No contexto da formação de professores, a Universidade Masaryk oferece uma disciplina específica sobre comunicação não violenta para educadores, abordando: identificação de sentimentos e necessidades, escuta empática, reformulação de linguagem acusatória e estratégias de resolução de conflitos (Masaryk University, 2025).

Estudos demonstram que professores que incorporam a CNV em sua prática conseguem criar um ambiente de aprendizagem mais seguro e acolhedor. Ao substituir a linguagem de julgamento ("você é desrespeitoso") pela expressão de sentimentos e necessidades ("quando interrompe a explicação, sinto frustração porque preciso que todos possam acompanhar"), o docente reduz a defensividade dos alunos e abre espaço para o diálogo genuíno. Quando o docente possui em sua formação essa experiência prática, a tendência em replicar essa forma menos agressiva é mais assertiva do que nas formações tradicionais.

A experiência prática da CNV na formação docente não se limita à aplicação em sala de aula, mas se estende à própria forma como o professor se relaciona com seus pares, com a gestão escolar e com sua própria prática. A escuta empática, por exemplo, não é uma técnica que se aplica "de fora para dentro",

mas uma postura que se cultiva e que transforma a qualidade da presença do educador. Professores que desenvolvem essa competência relatam menor desgaste emocional e maior capacidade de lidar com situações de conflito sem recorrer a respostas punitivas ou autoritárias.

O trabalho de Mallen (2025) reforça que a CNV, aliada à compreensão do sistema nervoso e das respostas ao estresse, permite que educadores desenvolvam estratégias de autorregulação e conduzam conversas difíceis de forma respeitosa e orientada para soluções. Outro ponto que deve ser observado é a necessidade de desenvolver uma escuta ativa e, ao invés de promover um sentimento de exclusão, alicerçar o sentimento de pertencimento nos estudantes e colegas de trabalho.

### 3.3 A CNV e a gestão de conflitos escolares

O conflito é inerente à vida em coletividade, sendo o seio familiar o primeiro ambiente onde ele se manifesta. No entanto, sua gestão pode ser transformada pela comunicação não violenta. Estudos apontam que a CNV contribui para a redução de episódios de violência escolar, ao mesmo tempo que fortalece a convivência positiva e a resolução colaborativa de problemas.

A abordagem da CNV desloca o foco da punição para a mediação, convidando educadores a atuarem como facilitadores do

diálogo entre estudantes, promovendo a construção de consensos em situações conflituosas. Isso não apenas resolve conflitos de forma mais sustentável, mas também ensina aos alunos habilidades fundamentais para a vida em sociedade. Um fator essencial para que se chegue a resoluções assertivas é a vontade de resolver as questões sob a ótica do "ganha-ganha", onde cada parte pode ceder algum ponto para que se alcance a resolução.

O treinamento "Meeting the needs of the individual: from a sense of security to conflict resolution" (NURE, 2025) exemplifica como a CNV pode ser aplicada na prática educativa, com oficinas sobre diálogo não conflituoso, gestão de emoções em situações de conflito e identificação de forças pessoais na resolução de problemas. Essas iniciativas demonstram que a CNV não é uma abstração teórica, mas um conjunto de práticas que podem ser ensinadas, vivenciadas e incorporadas ao repertório profissional do educador.

### **3.4 Integração da CNV na formação de professores**

Apesar das evidências sobre seus benefícios, a comunicação não violenta ainda é pouco presente nos currículos de formação docente no Brasil. A literatura sugere que sua integração pode ocorrer por meio de disciplinas específicas, oficinas experienciais, grupos de estudo e supervisão de prática com foco nas relações interpessoais. Consolida-se a necessidade de formações mais humanizadas

para que se tenha a replicação, nos estudantes, da mesma qualidade relacional vivenciada na formação docente.

Elementos-chave para a formação em CNV incluem: vivências práticas de escuta empática, exercícios de reformulação de linguagem, análise de casos concretos de conflitos escolares, prática de autoempatia e autocuidado, e construção de planos de implementação no contexto real de atuação. Essa tarefa é hercúlea, pois exige romper com estruturas formativas tradicionais e muitas vezes assintomáticas em relação às necessidades socioemocionais do professor.

É importante destacar que a CNV não é uma técnica de manipulação ou controle, mas uma prática de relacionamento que exige do educador autoconhecimento, vulnerabilidade e compromisso com a transformação das próprias formas de comunicação. Nesse sentido, a formação em CNV não pode ser reduzida a um treinamento pontual; ela requer um processo contínuo de reflexão sobre a própria prática, acompanhamento e suporte institucional.

### **3.5 Desafios e perspectivas para a implementação da CNV na formação docente**

A implementação da CNV na formação docente enfrenta desafios significativos. O primeiro deles é a resistência cultural a abordagens que valorizam a vulnerabilidade e a expressão emocional em contextos

historicamente marcados pelo racionalismo técnico. Muitos professores, formados em modelos que privilegiam o conteúdo em detrimento da relação, podem sentir-se desconfortáveis ou mesmo céticos em relação à CNV.

Outro desafio reside na escassez de materiais didáticos e programas estruturados para a formação em CNV no contexto brasileiro. Embora existam iniciativas isoladas, a ausência de políticas públicas que incorporem a CNV como eixo formativo limita sua capilaridade. A formação continuada, nesse cenário, emerge como um espaço privilegiado para a introdução da CNV, seja por meio de cursos de extensão, especializações ou programas de desenvolvimento profissional.

A pesquisa sobre CNV na educação ainda é incipiente no Brasil, com predominância de estudos teóricos e relatos de experiência. Há uma carência de investigações empíricas que avaliem os efeitos da CNV na redução de conflitos, na melhoria do clima escolar e no bem-estar docente. Essa lacuna aponta para a necessidade de investimento em pesquisas que possam subsidiar políticas públicas e práticas institucionais.

Por fim, a implementação da CNV requer mudanças na cultura institucional. Não basta formar professores individualmente; é necessário que as escolas e os sistemas de ensino adotem uma postura institucional alinhada aos princípios da CNV, o que implica

revisar práticas de gestão, protocolos de resolução de conflitos e formas de avaliação. Essa transformação cultural é lenta e demanda compromisso coletivo, mas seus efeitos podem ser profundos e duradouros.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação não violenta oferece um conjunto de ferramentas transformadoras para a prática docente, ao propor uma linguagem baseada na empatia, na autenticidade e na conexão com as necessidades de todos os envolvidos no processo educativo. Mais do que uma técnica de comunicação, a CNV constitui uma filosofia relacional que resgata a dimensão humanizadora da educação, tão frequentemente obscurecida por abordagens tecnicistas e burocráticas.

Professores que incorporam a CNV em seu fazer pedagógico não apenas gerenciam conflitos de forma mais construtiva, mas também constroem relações mais significativas com os alunos, criam ambientes de aprendizagem mais acolhedores e cuidam de seu próprio bem-estar emocional. Com isso, promove-se o desenvolvimento das *soft skills*, competência cada vez mais valorizada na sociedade contemporânea. A formação docente, portanto, precisa incluir sistematicamente o desenvolvimento de competências comunicacionais alinhadas aos princípios da CNV, pois a formação dos estudantes será mais fluida e os resultados em

suas trajetórias trarão benefícios duradouros.

Para além dos benefícios individuais, a disseminação da CNV no ambiente escolar contribui para a construção de uma cultura de paz, baseada no respeito à diversidade, na escuta ativa e na resolução colaborativa de conflitos. Em um contexto social marcado por polarizações e violências simbólicas, a escola pode se tornar um laboratório de relações mais justas e solidárias, e a CNV oferece um caminho concreto para essa transformação.

Para pesquisas futuras, sugerimos investigar os efeitos de programas de formação em CNV na redução da evasão e do estresse docente, bem como explorar as especificidades de sua aplicação em diferentes níveis e modalidades de ensino. Estudos longitudinais que acompanhem turmas de professores ao longo de sua formação inicial e continuada poderão oferecer evidências robustas sobre os impactos da CNV na prática docente e no desenvolvimento dos estudantes.

Por fim, reiteramos que a CNV não é uma solução mágica para os complexos problemas da educação, mas uma ferramenta potente que, quando integrada a uma formação docente consistente e a políticas públicas comprometidas com a humanização da educação, pode contribuir significativamente para a construção de escolas mais dialógicas, acolhedoras e transformadoras.

## AGRADECIMENTOS

À Alyssa, revisora atenta e generosa, cuja contribuição transcendeu o plano técnico e tocou o microcosmos da construção autoral. Suas intervenções precisas e diálogo constante transformaram uma tarefa hercúlea em uma jornada compartilhada. Mais do que orientações, houve encontro. Mais do que palavras, houve escuta. Mais do que trabalho, houve afeto. Que essa parceria continue a florescer, como as mil rosas que jamais serão suficientes para expressar o que sinto. Meu sincero e eterno agradecimento.

## REFERÊNCIAS

- Mallen, S. (2025). Navigating conflict in the school environment: A two-part webinar series. Donegal Education Centre. Disponível em: [www.donegaledcentre.ie](http://www.donegaledcentre.ie)
- Masaryk University. (2025). Nonviolent communication for teachers at basic school (Course Cjp070). Faculty of Education.
- NURE - Kharkiv National University of Radio Electronics. (2025). Training "Meeting the needs of the individual: from a sense of security to conflict resolution".
- Rosenberg, M. B. (2006). *Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ágora.